



Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Sociologia

Aluna: Mariana Vassallo Piza

O fenômeno Instagram: considerações sob a perspectiva tecnológica

Brasília
2012

Universidade de Brasília

Aluna: Mariana Vassallo Piza

O fenômeno Instagram: considerações sob a perspectiva tecnológica

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília como exigência final para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Sociologia.

Orientador: Michelangelo Giotto Santoro Trigueiro

Brasília
2012

**O fenômeno Instagram: considerações sob a perspectiva
tecnológica**

Aluna: Mariana Vassallo Piza

BANCA EXAMINADORA

.....
Prof. Pós-Doutor Michelangelo Giotto Santoro Trigueiro
Orientador

.....
Prof(a). Título Nome

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. O QUE É O INSTAGRAM?.....	7
2.1 COMPARTILHAMENTO DE FOTOS.....	8
2.2 MANIPULAÇÃO DAS IMAGENS	10
2.3 SOCIAL	11
2.4 COMO FUNCIONAM AS HASHTAGS	12
2.5 NÚMEROS.....	13
3. AS REDES SOCIAIS E O CIBERESPAÇO	17
4. TEORIA ATOR-REDE E A INTERAÇÃO DIGITAL: NOVAS FORMAS DE SOCIABILIDADE	
25	
4.1 O APARATO TÉCNICO COMO ATUANTE.....	31
5. CONCLUSÃO	43
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
7. ANEXOS	47

1. Introdução

Estamos cercados. Vivemos em uma época dinâmica, onde não é mais possível viver sem um celular com conexão a internet ou deixar de ter um computador em casa. Muitos não têm, é verdade, mas a tendência é que todos um dia tenham. O crescimento informacional está aí, não há como negar. Estamos rodeados por uma enxurrada de informações, que a cada dia aumenta e se propaga com uma velocidade cada vez maior. E se as informações são inúmeras, os dispositivos que “espalham as notícias” são múltiplos. Não há como negar, estamos na era da informação. A competitividade aumentou, muitos têm acesso a tudo; a batalha está ferrenha.

Estamos em uma época cuja informação é a moeda de troca mais valiosa. E a tecnologia desempenha papel fundamental para que informação se transmita e se recrie. Quantas pessoas que conhecemos estão munidas com aparelhos celulares que mandam mensagens, recebem e-mails, conectam-se a internet- para que possam acompanhar as notícias do mundo, que estão sempre olhando a rede social que fazem parte para saber o que aconteceu de novo, quase que esquecendo que ainda é possível ligar para outra pessoa com o aparelho que possuem? O que será que aconteceu para que esse fenômeno da tecnologia da informação tomasse conta de tal maneira do mundo? A tendência nos mostra que cada vez mais e mais a troca de informações está tomando um lugar importante no progresso social, permeando as mais diversas áreas possíveis de se encontrar dentro da sociedade. Mas com essa tamanha dinâmica, as coisas acontecem muito rápido. Quando percebemos, o que é novo hoje, daqui a seis meses já é ultrapassado. Isso traz à tona questionamentos em relação a durabilidade de tudo. Será que essa tendência permanecerá ou será revertida por algum fenômeno à frente? Será que a tecnologia da informação irá aprisionar a sociedade de tal forma, fazendo com que uma revolução seja provocada, dando início a uma era onde a informação não terá mais valor? Hoje é tudo muito incerto, vazio. Isso se reflete nas mais variadas áreas do cotidiano da

humanidade, seja no âmbito das instituições – e há quem acredite que as instituições já não são mais tão sólidas como acreditava-se – ou seja no âmbito pessoal de cada indivíduo. Estamos cercados de mediadores, de coisas que fazem quase tudo por nós e que a cada dia desempenham funções mais e mais importantes. Sendo assim, por que a influência da tecnologia como atuante nos processos sociais ainda não é considerada como fator de importância nas pesquisas atuais?

A intenção desta pesquisa é trazer uma breve investigação do que há por trás do que chamo de “fenômeno Instagram”. Através da plataforma de um aparelho celular, o aplicativo foi desenvolvido com o intuito de proporcionar o usuário a possibilidade de fotografar algo que chame sua atenção e, em seguida, jogar a imagem na rede para que ela possa ser compartilhada por outras pessoas. Como um aplicativo tão simples pôde movimentar uma fatia tão grande da população mundial? O que motiva um indivíduo a ter uma imagem sua publicada para que várias pessoas possam visualizá-la? Qual o aparelho que permite que o aplicativo funcione? Como diria Bruno Latour, para entendermos o hoje, precisamos abrir a caixa preta do ontem.

A partir do entendimento do funcionamento do Instagram, a pesquisa tentará identificar alguns dos processos envolvidos no consumo, mercado e produção dos elementos que estão dentro da sua caixa preta. Foram colhidos depoimentos de usuários que ajudaram a nortear a linha de raciocínio da teoria aplicada. O objetivo é tentar esclarecer o motivo de o aplicativo ter se tornado o fenômeno que se tornou dentro da sociedade.

2. O que é o Instagram?

Na informática, um software aplicativo é um tipo de software concebido para desempenhar tarefas práticas ao usuário¹ para que este possa concretizar determinados trabalhos. Esta característica distingue-o de outros tipos de programas, como os sistemas operativos, que são os que fazem funcionar o computador, as linguagens de programação, que permitem criar os programas informáticos em geral, e os utilitários, que realizam tarefas de manutenção ou de uso geral.²

O aplicativo Instagram surgiu para o público no dia 6 de outubro de 2010. Foi desenvolvido pelos engenheiros de programação Kevin Systrom e o brasileiro Mike Krieger, cuja intenção, segundo os próprios, era resgatar a nostalgia do instantâneo cunhada ao longo de vários anos pelas clássicas Polaroids, câmeras fotográficas de filme, cujas fotos revelavam-se no ato do disparo. O Instagram nasceu a partir de uma simplificação de outro aplicativo, também desenvolvido pelos dois engenheiros, chamado de Burbn, cuja proposta inicial era a de uma rede social que agruparia várias funções, onde os usuários poderiam compartilhar a sua localização, imagens, vídeos, planos para o final de semana, etc. Porém, o desenvolvimento deste aplicativo mostrou-se muito complexo, motivando Kevin e Mike a escolher uma das funções que consideram mais atrativa: a fotografia.

Para o funcionamento, todos os aplicativos precisam de plataformas. Plataforma é o padrão de um processo operacional ou de um computador. É uma expressão utilizada para denominar a tecnologia empregada em determinada infraestrutura de Tecnologia da Informação ou telecomunicações, garantindo facilidade de integração dos diversos elementos dessa infraestrutura.³ O Instagram foi desenvolvido para funcionar na plataforma iOS, sistema operacional implementado nos celulares iPhone, tocadores de música iPod Touch e o tablet Ipad. Todos os aparelhos foram desenvolvidos pela Apple, empresa renomada no campo da tecnologia e

¹ Os usuários em sistemas de informação são agentes externos ao sistema que usufruem da tecnologia para realizar determinado trabalho. Podem ser desde os usuários comuns do sistema até administradores, programadores ou analistas de sistemas.

² CONCEITO de software aplicativo. , 2011. Disponível em: <<http://conceito.de/software-aplicativo>>. Acesso em: 02 nov. 2011.

³GLOSSÁRIO – Definição de plataforma. Disponível em: <http://www.sistemasymbio.com.br/glossario_cont.php>. Acesso em: 01 nov. 2011.

informática e são munidos com uma câmera fotográfica embutida, o que permite a fotografia. Em resumo, o Instagram é um aplicativo que é utilizado somente por usuários de algum dos três tipos de aparelhos, no entanto, é mais utilizado por aqueles que possuem o aparelho celular.

Para obtê-lo, o usuário poderá baixá-lo (fazer download) na Apple Store, que é uma loja virtual onde ficam hospedados toda uma gama de aplicativos desenvolvidos para a plataforma iOS e que estão à disposição daqueles que desejarem tê-los em seus aparelhos. O Instagram é gratuito, o que permite que o seu acesso seja facilitado. Depois de baixado, o arquivo contendo o aplicativo deverá ser instalado no aparelho. Só assim será possível utilizá-lo. Após essa etapa, o usuário poderá começar a usufruir de suas funções.

Quando instalado, o usuário deverá fazer um cadastro básico, onde irá fornecer dados tais como nome completo, e-mail, para que possa ter acesso a uma conta própria e intransferível. Para isso, o indivíduo terá que criar um nome de usuário, que deverá ser único e passará a identificá-lo na comunidade virtual e permitirá a postagem de fotos, bem como ter acesso aos perfis de outros usuários, possibilitando a interatividade. Para identificá-lo visualmente, ele deverá colocar uma imagem de si próprio ou de algo que considere que o represente. Feito isso, o usuário está apto a utilizar a comunidade virtual.

2.1 Compartilhamento de fotos

Mesmo com a função de câmera, o que permite ao usuário fotografar a partir do próprio aplicativo, o Instagram é mais utilizado para o compartilhamento de imagens. Para tanto, os indivíduos podem fazer uma foto com o próprio celular, aproveitar alguma imagem que já esteja salva no arquivamento do aparelho, ou puxar fotografias realizadas com outros dispositivos, tais como as próprias câmeras fotográficas digitais. No entanto, apesar das várias possibilidades de subir uma imagem, existe uma regra subjetiva que é seguida por parte dos usuários, que é a de fotografar exclusivamente com o celular:

Existe um movimento 100% iPhone. E pra ser usado com iPhone. Você tem o celular naquela hora, com as limitações do celular. Você tem os programinhas photoshop (para edição de imagens) que servem pra você colocar alguns efeitos, mas não produzir o que produz com uma câmera profissional. Você consegue seguidores com uma foto bonita, né... Eu acho então que não é uma tática muito honesta. A gente que é meio purista, acha que é sacanagem gente que posta com outra câmera.

Depois de feita e escolhida, o usuário poderá dar um título à fotografia, seja para dizer o local o qual foi realizada, ou escrever uma frase simbólica com um significado subjetivo. Em seguida, as fotos podem ser instantaneamente compartilhadas, não só no Instagram, mas também em outras redes sociais, tais como facebook⁴, twitter⁵, Flickr⁶ e Tumblr⁷. O usuário também poderá conectar-se, caso possua, à sua conta do Foursquare⁸ e marcar a localização das suas fotos. Por padrão, as fotos são públicas no Instagram, ou seja, visualizáveis por todos. Caso o usuário queira privacidade, ele poderá configurar a sua conta como privada, o que exige uma autorização prévia para que outros usuários possam visualizá-las.

⁴ O facebook é uma rede social, fundada por Mark Zuckerberg, um ex-estudante de Harvard. Inicialmente, a adesão ao Facebook era restrita apenas aos estudantes do Harvard College. Em 2006 teve o acesso liberado ao público e desde então é uma das maiores e mais populares redes de relacionamento. O facebook conta com recursos como Fotos, Vídeos, Mensagens, Bate-Papo, Eventos, Jogos e Aplicativos, permitindo a interação entre os usuários.

⁵ Twitter é uma rede social e servidor para microblogging, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos (em textos de até 140 caracteres, conhecidos como "tweets"), por meio do website do serviço, por SMS e por softwares específicos de gerenciamento. As atualizações são exibidas no perfil de um usuário em tempo real e também enviadas a outros usuários seguidores que tenham assinado para recebê-las. (wikipedia.com/twitter)

⁶ O Flickr é um site da web de hospedagem e partilha de imagens fotográficas (e eventualmente de outros tipos de documentos gráficos, como desenhos e ilustrações), caracterizado também como rede social. O Flickr permite a seus usuários criarem álbuns para armazenamento de suas fotografias e entrarem em contato com fotógrafos variados e de diferentes locais do mundo. (wikipedia/flickr)

⁷ Tumblr é uma plataforma de blogging que permite aos usuários publicarem textos, imagens, vídeo, links, citações, áudio e "diálogos". A maioria dos posts feitos no Tumblr são textos curtos, porém a plataforma não chega a ser um sistema de microblog, estando em uma categoria intermediária entre o Wordpress ou Blogger e o Twitter. Os usuários são capazes de "seguir" outros usuários e ver seus posts em seu painel (dashboard). Também é possível "gostar" (favoritar) ou "reblogar" (semelhante ao RT do Twitter) outros blogs. (wikipedia/tumblr)

⁸ Foursquare é uma rede social e de microblogging que permite ao utilizador indicar onde se encontra e publicar essa informação a seus contatos. Através do aplicativo, pode também procurar por outros contatos seus que estejam próximo ao local de estadia. (wikipedia/foursquare)

2.2 Manipulação das imagens

O Instagram oferece a possibilidade de aplicar filtros⁹ para incrementar as fotografias. O aplicativo em si possui 11 filtros diferentes para a escolha do usuário. São comumente utilizados para proporcionar às fotos o aspecto de envelhecidas, remetendo ao tempo da era analógica, onde cada tipo de filme proporcionava um tipo diferente de intensidade das cores. Existem diversos aplicativos que podem ser baixados e que desempenham a função única de edição de imagens. As possibilidades de criação são ilimitadas, o que acaba atraindo cada vez mais e mais usuários, exatamente por proporcionar uma individualidade a cada usuário, tornando o conteúdo disponibilizado de caráter exclusivo. Abaixo seguem alguns exemplos da utilização dos diferentes filtros na mesma foto:

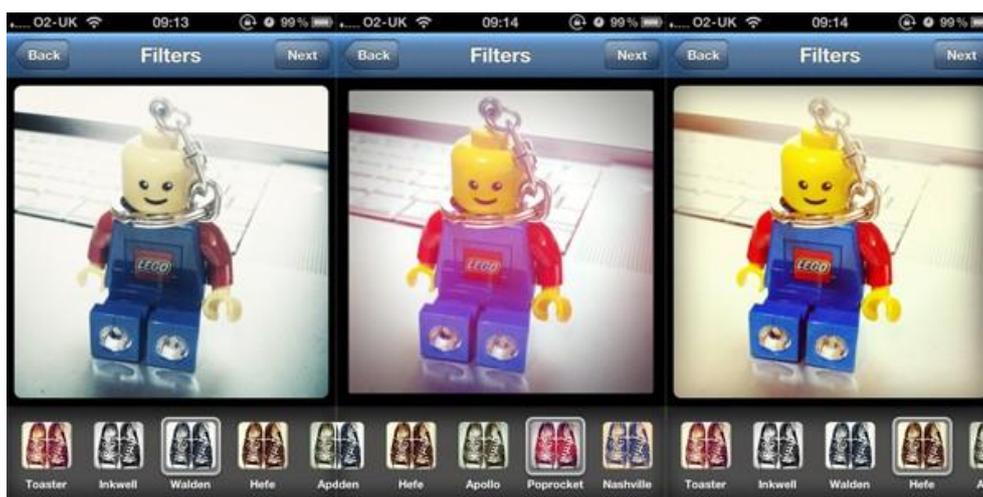


Figura 1

⁹ Um filtro fotográfico é um acessório de câmera fotográfica ou de vídeo que possibilita o manejo de cores e/ou a obtenção de efeitos de luz pela sua inserção no caminho ótico da imagem.



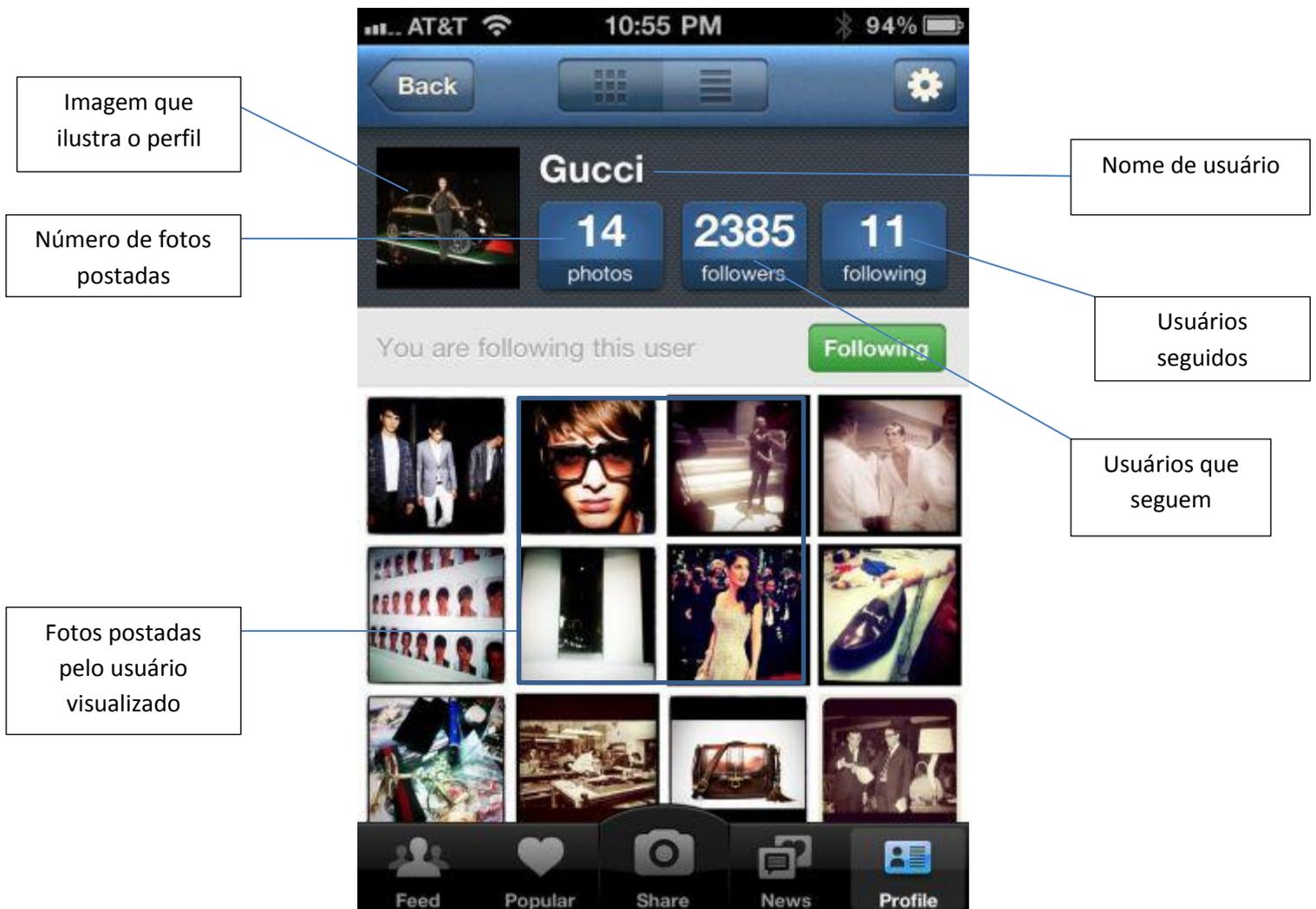
Figura 2

2.3 Social

A base de relacionamentos do Instagram, característica comumente presente nas redes sociais da internet, se mantém em torno de ter amigos ou seguidores, ou seja, indivíduos que estão vinculados à conta de usuários, com o intuito de acompanhar continuamente as atualizações do outro na rede. No Instagram o usuário pode seguir diferentes perfis. Essa opção encontra-se no topo da página de casa usuário. Ali também podem ser encontradas informações tais como “nome de usuário”, a foto que ilustra e identifica aquele determinado perfil, quantas fotos foram enviadas por ele, quantos seguidores a conta possui, e quantos a conta está seguindo. Quando o usuário opta por seguir alguém, as fotos aparecem imediatamente no fluxo (feed), permitindo “curtir” fotos e comentá-las. Além disso, o Instagram possui uma ferramenta que facilita a localização de usuários de outras redes sociais que também usam o aplicativo, podendo, assim, segui-los facilmente, ou mesmo até convidar indivíduos que não estão em redes sociais. Existe a possibilidade dos usuários buscarem por outras pessoas na sessão “Popular”, onde estão localizadas as fotos mais atuais estão sendo “curtidas”. Ao selecionar qualquer foto dessa página, o usuário poderá visualizar todas as outras fotos enviadas disponíveis nesse perfil.

Apesar da plataforma ser restrita aos usuários dos aparatos técnicos aptos, é possível visualizar o perfil de um usuário fora do aplicativo, utilizando

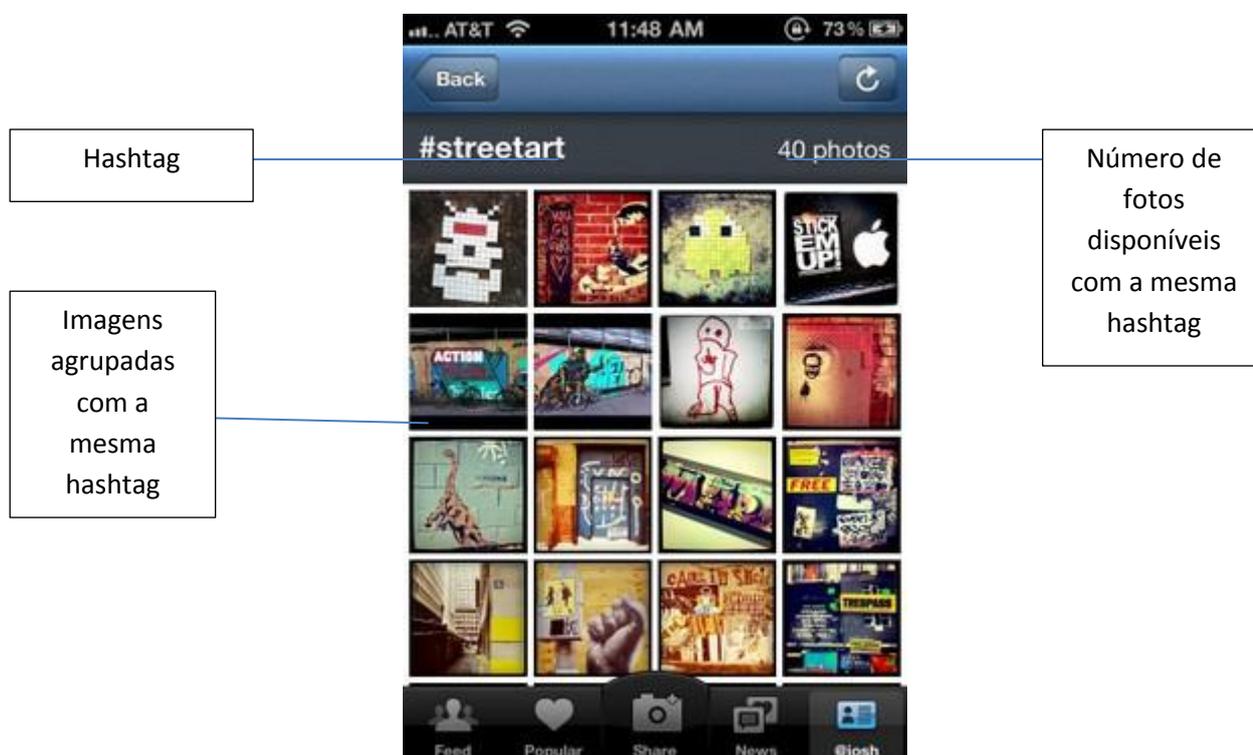
plataformas externas, localizadas na Internet, que permitem a visualização das imagens dos usuários.



2.4 Como funcionam as hashtags

Uma hashtag é um comando que tem a função de agrupar imagens relacionadas a um determinado assunto. Este recurso facilita a disseminação de um tópico, assim como organiza o acompanhamento do conteúdo e discussões feitas em relação ao tema colocado em pauta. As hashtags são muito usadas em convenções, palestras, encontros, onde tudo que está para acontecer ou já aconteceu é comentado em tempo real. E os usuários interessados no assunto podem se atualizar rapidamente através do buscador do encontrado no Instagram. Para criar uma hashtag, o usuário deverá

taguear¹⁰ a imagem com símbolo # mais uma descrição do assunto, normalmente sem acentuação (ex.: #pordosol; #fotografianoturna; #instameet e assim por diante). Quando um usuário clicar uma hashtag, todas as imagens tagueadas com localizadores iguais irão aparecer.



2.5 Números

O Instagram é uma rede social emergente, que existe há pouco mais de um ano. Segundo informações dos próprios desenvolvedores¹¹, com 1 mês de existência, o Instagram já acumulava mais de 1 milhão de usuários. Oito meses de existência depois – junho de 2011, o aplicativo já acumulava números que refletiam um crescimento acelerado: 100 milhões de fotos publicadas no total, sendo sete milhões de usuários. Um fato interessante é que, apesar da grande quantidade de usuários cadastrados, há o registro de pouca atividade entre seus integrantes: somente 5% tem mais de 50 fotos

¹⁰ "Tags" são palavras-chaves que o usuário pode adicionar aos favoritos que quer salvar para ajudá-lo a organizar seu conteúdo. Em vez de organizar os favoritos em uma estrutura tradicional de pastas, é possível "taguear" uma página com várias tags.

¹¹ <http://blog.instagram.com/post/8755444024/the-instagram-community-one-million-and-counting>

publicadas. Isso se dá pelo fato de alguns dos usuários se cadastram, mas não utilizam a rede e acabam entrando como dado quantitativo. Mesmo com o indicio dessa “pouca” atividade, a repercussão do aplicativo no meio virtual é constante: diversos blogs e sites discutem e indicam os recursos oferecidos. A consequência é a publicação média de 15 fotos por segundo, num total de aproximadamente 1,3 milhão de imagens divulgadas por dia, sendo 80% editadas através das ferramentas do aplicativo.

Os desenvolvedores do Instagram acreditam que o aplicativo abriu portas para um mundo que permitiu ser mostrado com transparência e com conexões mais próximas. Foram constatados registros de imagens de pedidos de casamento, nascimento de bebês, eventos mundiais, protestos e vigílias. Nem mesmo eles próprios imaginavam que o aplicativo de interface simples fosse agregar tantas pessoas em um tempo tão curto.¹²

Um estudo realizado pela Followgram¹³ apresenta estes e outros pontos sobre a expansão acelerada do Instagram, que mesmo com o baixo percentual de usuários em atividade, demonstra que cresce duas vezes mais rápido que o Flickr. O infográfico poderá ser visualizado no Anexo 1, presente no final deste trabalho.

Para dar inicio às análises, segue abaixo alguns tópicos localizados durante a pesquisa, que compilam dicas de como obter destaque no Instagram, por exemplo. O aplicativo Instagram Secrets¹⁴, vendido por US\$0,99 na App Store americana, e o Instagram Tips ensinam o uso básico da rede social, suas regras gerais, esclarece a importância do uso da hashtags, explica como configurar seu perfil e como bloquear e desbloquear seguidores.

¹² <http://blog.instagram.com/post/11110125667/oneyear>

¹³ <http://followgram.me/>

¹⁴ <http://itunes.apple.com/br/app/instagram-secrets-ig-secrets/id451227249?mt=8>

Veja abaixo¹⁵:

- *Curtir é fundamental. Se você não curtir, você não vai ser curtido e se você não for curtido, não ganhará seguidores. É uma forma de despertar outros usuários para a existência de suas fotos. Mas não curta só por curtir. Curta as fotos bonitas e interessantes. Elogie a boa luz, o ângulo inusitado, a paisagem surpreendente,*
- *Use efeitos, ou não, mas saiba que a principal diversão do Instagram é o uso de filtros, ou aqueles oferecidos no aplicativo da rede social ou obtidos com programas da app store. Há inúmeros, gratuitos e pagos.*
- *Mova-se mais pela sensibilidade do que pela etiqueta. Curta as fotos legais, siga as pessoas que fazem várias fotos legais e oriente-se por critérios estéticos para expandir sua comunidade (mas não exagere no nível de exigência, simplesmente divirta-se),*
- *Use emoticons¹⁶ mesmo que você ache coisa de menininha. Eles garantem comunicação rápida e universal. No iOS 5.0 eles já estão entre os botões do teclado. Se você não tiver feito a atualização, baixe um programinha na app store (há versões free e pagas),*
- *Tenha sempre um estoque de fotos na sua biblioteca para variar seus cenários e temas ou pelo menos para garantir a postagem de duas ou três fotos diárias,*
- *Editar fotos pode se tornar mais divertido e criativo do que tirá-las, o resultado do uso de alguns filtros chega a entusiasmar,*
- *Sempre coloque tags. As tags criam álbuns e os álbuns são acessados por comunidades e grupos de interesse. Cada tag abre um novo caminho de visualização para sua fotos que vai muito além de seu grupo de seguidores. Tags bem escolhidas, vocês verão, vão, pelo menos, duplicar o número de curtições,*

¹⁵ Retirado do site <http://revistaalfa.abril.com.br/blogs/delirio-digital/2011/10/30/os-truques-do-instagram/>

¹⁶ Forma de comunicação paralinguística, um emoticon, palavra derivada da junção dos seguintes termos em inglês: emotion (emoção) + icon (ícone) (em alguns casos chamado smiley) é uma seqüência de caracteres tipográficos, tais como: :), ou ^-^ e :-); ou, também, uma imagem (usualmente, pequena), que traduz ou quer transmitir o estado psicológico, emotivo, de quem os emprega, por meio de ícones ilustrativos de uma expressão facial.

- *Crie suas próprias tags e as propague. Algumas tags servem também para você estabelecer sua identidade no Instagram ou para criar uma comunidade.*
- *Tenha no Instagram o mesmo nome de usuário que você tem no Twitter ou no Tumblr. Quando você cria uma tag, as várias redes sociais “conversam”,*
- *Se você achar que sua avó ou seus filhos ficarão ofendidos com sua foto, não a publique. Postar fotos muito reveladoras não é legal. O Instagram tem cliques eróticos, mas raramente pornográficos,*
- *Gerencie seu Instagram pelo desktop. Há vários sites, como o Webstagram, o Followgram ou o Extragram que permitem uma boa visualização das fotos e o controle da conta. Nos três casos, você acessa sua conta com seu nome e senha do Instagram.*

3. As Redes Sociais e o ciberespaço

Pode-se constatar que nos dias de hoje ocorre grande difusão do uso ordinário da expressão “rede social”. Comumente utilizada para designar grandes plataformas de interação virtual, tais como facebook¹⁷ e twitter¹⁸, sua significação atual está pautada no conceito de virtualidade. A interação entre as pessoas também está subentendida, pois toda a movimentação é feita a partir da troca de informações que acontece através das plataformas de interatividade citadas anteriormente. O Instagram além de um simples aplicativo é, principalmente, uma rede social. A difusão do seu conteúdo segue basicamente a lógica do *ver e ser visto*, ou seja, quando um conteúdo é adicionado, automaticamente este estará disponível a qualquer pessoa que tenha permissão para vê-lo; que esteja envolvido naquela rede.

De maneira geral, termo “rede” é permeado por várias significações. Originária do latim, “*retis*”, significa o entrelaçamento de fios com fendas regulares que formam uma espécie de tecido. A partir dessa noção de entrelaçamento, a palavra rede foi ganhando novos significados no decorrer dos tempos, principalmente para designar um conjunto de relações interligadas, que vai desde a simples ideia das veias que se ligam e permitem o funcionamento do corpo humano; do plano metafórico das linhas imaginárias que se conectam; até o seu sentido contemporâneo de organização social.

Dentro desse plano mais geral, pode-se trazer a noção de “rede social”. A expressão começou a ser usada há cerca de um século para *designar um conjunto complexo de relações entre membros de um sistema social em diferentes esferas, desde a interpessoal à global*. No entanto, somente a partir de 1954, J. A. Barnes começou a usar o termo sistematicamente para tentar explicar padrões de laços estabelecidos socialmente, incorporando os conceitos tradicionalmente usados pelo senso comum e cientistas sociais, tais como: grupos bem definidos (ex.: tribos, famílias) e categorias sociais (ex.: gênero, grupo étnico). A expressão “rede social” é utilizada pelas ciências sociais enquanto instrumento de análise que permite a reconstrução dos processos interativos dos indivíduos e suas

¹⁷ <http://www.facebook.com/>

¹⁸ <http://www.twitter.com>

afiliações a grupos, a partir das conexões interpessoais construídas cotidianamente.¹⁹

Faz-se necessária também a explanação da expressão cunhada por Adrian Mayer, que é denominada de “conjuntos-de-ação” que significa um conjunto temporário de pessoas recrutadas por meio de vários canais para alguma finalidade de curto prazo.²⁰ Inserido no conceito, Mayer se apropria do termo “quase-grupos” cunhado por Boissevain. Boissevain descreve-o como sendo um termo genérico para qualquer espécie de coalizão recrutada a partir de uma rede. Pode ser tanto um conjunto-de-ação, uma facção ou grupos de ação similares.²¹ Em seus estudos, Barnes e Mayer discutem, respectivamente, a relevância dos conceitos de rede social e de quase-grupo para o estudo de situações nas quais o agrupamento de indivíduos não formam necessariamente grupos permanentes como, por exemplo, no contexto urbano. Ambos os conceitos enfatizam a observação das características das ligações entre indivíduos, uns em relação aos outros, como forma de explicar a opção pela ação social e os motivos pelos quais um indivíduo escolhe, em um contexto específico, um curso de ação e não outro. Tanto o conceito de rede social como o de quase-grupo foram elaborados tendo em vista uma preocupação em explicitar os princípios estruturais organizando a ação de “não-grupos” e de organizações invisíveis e informais em contextos considerados “complexos” e abordam a fluidez dos agrupamentos sociais. (Feldman-Bianco, 1987)

A importância de discutir os conceitos supracitados é contextualizá-los na perspectiva atual. Barnes utiliza a noção de rede social em seu estudo acerca das formações políticas que ele considera matéria-prima para uma política nacional (de maior abrangência). Seguindo um viés mais próximo da perspectiva antropológica, o autor acredita que no estudo das formas mais simples de agrupamento ele encontrará a origem de determinados padrões na política nacional. Castells, que desenvolveu um legado

¹⁹ BARNES, J.A. Redes Sociais e processo político. In: A antropologia das sociedades contemporâneas. Organização e introdução de Bela Feldman-Bianco. São Paulo, Global, 1987, pp. 159-192

²⁰ BOTT, Elizabeth. Família e rede social. Tradução de Mário Guerreiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves S.a., 1976. 320 p.

²¹ IDEM

importantíssimo no contexto das redes modernas, afirma que a CMC²², desenvolvida inicialmente para desempenhar funções profissionais, passou a permear toda a esfera de atividades sociais, não apenas no papel da interação social casual, mas também na formação de comunidades virtuais, que, segundo o autor, são efêmeras do ponto de vista dos participantes:

Nessas comunidades virtuais “vivem” duas populações muito diferentes: uma pequena minoria de aldeões eletrônicos “residindo na fronteira eletrônica” e uma multidão transitória para a qual suas incursões casuais equivalem à exploração de várias existências na modalidade do efêmero.

O Instagram é fruto de uma evolução não só tecnológica, mas também das constantes mudanças no contexto de rede. A intenção é enriquecer a perspectiva da pesquisa trabalhando com vieses diferentes, para trazer à tona o motivo desses grupos efêmeros estarem onde estão e porque estão no contexto da realidade atual²³.

Para dar início às explicações do funcionamento dessa rede/quase-grupo, é necessária uma breve explicação da importância do fator virtualidade dentro do conceito de rede e comunidade, e como essa relação gerou uma série de outras, as quais estão profundamente enraizadas na percepção do senso comum. É interessante perceber que, atualmente, fazer parte de uma rede social trouxe uma série de nomenclaturas com significados distintos e, aparentemente, bastante claros aos usuários dessa rede.

A expressão “redes sociais” no microcosmo da internet vem sendo utilizada, tanto na mídia quanto em estudos acadêmicos, para se referir indistintamente a tipos de relações sociais e de sociabilidade virtuais que se diferenciam em dinâmicas e propósitos. De um lado, há uma ampla variedade de “comunidades virtuais” e os chamados sites de redes sociais (Social Network Sites – SNSes, em inglês), cuja existência e desenvolvimento são contingenciados pelo ambiente tecnológico em que são construídos. (AGUIAR;

²² Comunicação mediada por computador.

²³ A intenção aqui não é determinar qual o real significado do conceito de Rede, até porque existem uma infinidade de conceituações que foram traçadas ao longo do século XX, principalmente. Mesmo a noção menos elaborada sobre o conceito, traz informações relevantes para o estudo aqui pretendido.

2007). Em outras palavras, as redes sociais na internet se configuram como uma rede de atores formada pela interação social que é mediada por um dispositivo técnico com acesso a Internet. Elas permitem a formação de novos agrupamentos sociais denominados de “comunidades virtuais”, que representam novas formas de inserções grupais no contexto do ciberespaço.²⁴ Segundo Castells, com o advento da Internet, surge a necessidade de se redefinir o conceito de comunidade, dando menos ênfase ao aspecto cultural e enfatizando a comunidade como um apoio à existência social de e entre indivíduos. Juntamente com a rede, a noção de “comunidade virtual” aparece como novo suporte para a sociabilidade.

Tendo em vista a variabilidade do entendimento, assim como a noção de rede, o conceito de comunidades virtuais depende bastante do contexto o qual está sendo inserido. Como o objetivo é fazer uma breve explanação sobre o tema, a definição a ser considerada é: noção de grupos que emergiram através das interações dos indivíduos em espaços de comunicação na Internet. (RECUERO; 2006) As comunidades virtuais pressupõem algum tipo de relação entre indivíduos, que são mediadas pelos dispositivos técnicos conectados a Internet. Se há relação, há troca de informação e isso configura um cenário de socialização.²⁵ A grande questão que permeia a noção de comunidade virtual é a percepção de localidade geográfica, que não é pressuposto obrigatório para que aconteça a interação entre os indivíduos. Com isso, a fluidez das relações ficou bastante evidente, pois, a partir do instante em que a necessidade de estar próximo do outro para que uma relação se estabeleça não é mais tão urgente, o campo relacional se expande e configura diferentes maneiras de estabelecer um laço com outra pessoa. A maioria dos autores que trabalham com o conceito de comunidade virtual, trabalham também sob uma das perspectivas: grupos com laços fortes, densos e com maior permanência; e grupos focados no interesse e na identificação com laços fracos e pontuais. (RECUERO, 2006). Isso significa

²⁴ Ciberespaço é o espaço no qual as interações sociais acontecem na virtualidade. Constitui-se em um não lugar, em um espaço do saber, e em um espaço formado através dos fluxos de troca de informações entre os dispositivos técnicos que estão conectados a uma Rede virtual - Internet. (RECUERO, 2006)

²⁵ O estudo das redes sociais na Internet foca, portanto, o problema de como as estruturas sociais surgem, de que tipo são, como são compostas através da comunicação mediada pelos dispositivos técnicos conectados a Internet, e como essas interações mediadas são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas. (RECUERO, 2006)

que há uma variedade de interações, as quais giram em torno do grau de intimidade dos agentes e a natureza do capital social trocado, além de outras informações que auxiliam na percepção da força dos laços que se estabelecem entre os indivíduos. No caso aqui estudado, pude observar que os indivíduos envolvidos nessa rede não estão necessariamente relacionados diretamente; não formam exatamente um agrupamento de indivíduos permanente. O aplicativo é a base centralizadora das interações estabelecidas no meio. Não durante o processo de feitura das imagens, mas no ato da postagem da foto no perfil do usuário que a fez. Uma vez postada, os indivíduos que integram a comunidade virtual do aplicativo podem comentar, proferindo opiniões ou críticas, podendo adicionar imagem como favorita e mostrando para outras pessoas da rede. No entanto, tais ações não pressupõem que a pessoa mantenha ou tenha que manter algum tipo de relação com a pessoa que postou a foto inicialmente. Em suma, pode-se perceber que, apesar de todos os usuários integrarem os cálculos dos dados quantitativos de mensuração da rede, eles não necessariamente formam um grupo de bases consolidadas, pois não há uma relação direta entre todos eles e não há uma liderança representativa de interesses comuns. O único elo é tão somente o aplicativo em si. Claro que a abordagem nesse contexto traz uma visão mais global dessa rede. Poderíamos também tratar das sub-redes que podem ser verificadas, tal como classificar os grupos que se interessam por determinados tipos de assuntos ou estéticas, mas demandaria um estudo muito mais apurado. O interessante aqui é notar como um número tão alto de indivíduos está unido em torno de uma única base centralizadora, mas estes não possuem necessariamente algum tipo de relação ou ligação direta que vá além de integrar a mesma rede social. Identifica-se, portanto, que na maioria²⁶ das relações estabelecidas na rede social virtual Instagram, existe uma predominância de laços fracos. No entanto, pode-se observar, principalmente através dos depoimentos de entrevistados, que o campo virtual representou solo fértil para a concretização de relações mais profundas e íntimas, e propiciou, inclusive, interação de forma presencial. Muitos dos entrevistados

²⁶ A parte majoritária da comunidade virtual, mas não exclusivamente, até porque há de considerar aqueles que usam o aplicativo e mostram-no a parentes, amigos, etc, que por acharem interessante a proposta, acabam ingressando na rede social do Instagram.

afirmaram que fizeram grandes amigos através do Instagram, principalmente nos encontros promovidos, os chamados Instameets²⁷, cujo objetivo é reunir os integrantes da rede social em algum local externo para que possam conversar e tirar fotos. Em depoimento retirado da internet e traduzido livremente, Marta Alonso, coordenadora do grupo de instagramers de Barcelona destacou que: *a grandeza da comunidade é que gera vínculos reais entre pessoas que compartilham suas vidas ao vivo através de suas fotografias de tal modo que um japonês pode seguir ao vivo o dia de Sant Jordi, na Catalunha, ou um sevilhano pode conhecer os lugares mais recônditos da Austrália visto pelos olhos de uma pessoa local.*²⁸

Wellmann pressupõe que os laços fracos e fortes não ficam engessados diante de um contexto; são flexíveis, de acordo com o desenvolvimento das relações ao longo do tempo:

Talvez a presença social limitada e a assincronia da CMC apenas reduza a velocidade do desenvolvimento da intimidade, com as interações online eventualmente sendo desenvolvidas para ser tão sociáveis e íntimas quanto as pessoais. (WELLMAN et al., 1996, p. 222)

Portanto, de maneira geral, as relações sociais mediadas pelos dispositivos técnicos geram novos espaços que permitem conhecer indivíduos com interesses em comum, proporcionando o estabelecimento de novos laços. No caso do Instagram, o interesse em comum dos usuários é não somente a fotografia, mas também o compartilhamento de imagens. No entanto, vale ressaltar que a emergência dessas novas relações não se dá de uma hora pra outra. No Instagram, a relação vai sendo criada a partir das interações que se estabelecem a partir de pequenas ações, tais como comentar a foto de um usuário, ou favoritar – curtir – alguma das imagens. Quando esses eventos se tornam uma constante, ocorre uma aproximação esperada entre os usuários envolvidos, pois começa a ser estabelecida uma confiança. Quando um segue

²⁷ "Instameet" ou "Instagram Meeting". Traduzido do inglês, significa literalmente encontro de Instagram. A proposta surgiu quando uma comunidade de instagramers (usuários do Instagram) começou a combinar de se encontrarem em algum ponto da cidade para trocar ideias, opiniões sobre fotografia e sua evolução digital, as novas fronteiras da fotografia e a influência dos celulares nessas mudanças, além de outros temas menos específicos.

²⁸ TECHNOARTE NEWS (Brasil). "Instameet": a comunidade de instagramers discute as novas fronteiras da fotografia. Disponível em: <<http://tecnoartenews.com/instameet-comunidade-de-instagramers-discute-novas-fronteiras-da-fotografia-0>>. Acesso em: 30 jun. 2011.

o outro dentro da rede significa, normalmente, que este obteve algum tipo de identificação com as imagens do outro, porém, tal ação não pressupõe que vá ocorrer uma aproximação entre os indivíduos, pois basta que o usuário favoritado adicione uma foto, para que essa informação seja repassada automaticamente a quem favoritou. A constante, nesse caso, é mantida pelo próprio aplicativo de forma mecânica. A percepção do outro é pressuposto essencial para a interação humana. No ciberespaço, principalmente, por conta da ausência de informações que geralmente permeiam a comunicação face-a-face, as pessoas são percebidas e julgadas pelo o que dizem, ou postam, tais como as imagens. Esse espaço, constituído como “lugares de fala”, legitimados pelos agrupamentos sociais, constroem as percepções que os indivíduos têm dos atores sociais[...]É preciso, portanto, que para que se identifiquem e sejam identificados, os indivíduos coloquem informações que conte um pouco sobre a maneira como pensam e agem, criando uma individualidade própria, para que possa gerar algum tipo de empatia no contexto anônimo do ciberespaço. Esse requisito é fundamental para que a comunicação possa ser estruturada. (RECUERO, 2006)

Outra característica que pode ser constatada no universo da comunidade virtual é a importância dada à quantidade de seguidores que cada usuário possui. A valorização se dá através do número de pessoas que acompanham determinado perfil, significando que quanto maior o número de seguidores, maior o prestígio dentro da própria comunidade. Essa valoração não se estende necessariamente à vida externa, no entanto, esse dado entra como estatística para contabilizar os usuários mais seguidos da comunidade. Como há um número milionário de integrantes da comunidade, quantificado mundialmente, aqueles que conseguem agregar um grande número de admiradores²⁹, ficam em destaque e muitas vezes viram referência para outros usuários, seja no modo como produzem suas imagens – esteticamente, tema retratado, etc., ou mesmo no modo de como conseguem agregar várias pessoas. A quantificação desses dados pode ser calculada regionalmente, tal como por cidade, estado, país, continente; ou mundialmente. Ou seja, pode-se

²⁹ Neste caso, a expressão “admiradores” tem o sentido de pessoas que apreciam o trabalho alheio, ou o simples fato da popularidade daquele usuário.

perceber o desenvolvimento de uma ideia de status, que está diretamente relacionado com o aumento de prestígio. Em uma das entrevistas para o presente trabalho, foi colhido o seguinte depoimento:

“Eu acho que o Instagram trabalha muito com o ego fotográfico das pessoas. Porque uma pessoa curte sua foto, favorita sua foto... Então eu acho que trabalha com o ego das pessoas, com a vaidade das pessoas, né, de pôr uma foto e ser elogiado[...] O Instagram tem táticas para arrumar mais seguidores. As vezes você posta um tipo de foto que as vezes vai trazer mais seguidores... Pôr-do-sol é brega, mas traz seguidores... Você cair na página popular te traz mais seguidores. Como é que seja na página popular? Você tem que atingir 10% dos seus seguidores em 30 minutos. É proporcional ao números de seguidores. Muitos seguidores, muitos votos; poucos seguidores, poucos votos.”

Existe uma constante dentro da comunidade virtual, que é o fator do “imperativo da visibilidade”, presente principalmente nos tempos atuais. Essa característica, presente entre o público e o privado para ser uma consequência do fenômeno globalizante, que transpira individualismo. É preciso ser “visto” para existir nos espaços dos fluxos. É preciso constituir-se parte dessa sociedade em rede, apropriando-se do ciberespaço e constituindo um “eu” ali. (RECUERO, 2006).

A Internet não é um terreno onde prevalece a fantasia, mas uma extensão da vida como ela é, em todas as suas dimensões. E mesmo nos ambientes em que a representação de papéis é comum, esses papéis são moldados segundo as vidas reais dos personagens. Castells afirma que a maioria dos usuários sociais da comunicação mediada por computador cria personalidades on-line compatíveis com suas identidades off-line. Para ele, a tendência dominante na evolução das relações sociais em nossas sociedades é a ascensão do individualismo:

A partir de perspectivas muito diferentes, cientistas sociais [...] enfatizam o surgimento de um novo sistema de relações sociais centrado no indivíduo. Após a transição da predominância de relações primárias para a de relações secundárias, o novo padrão dominante é o terciário, personalizado, baseado em redes “egocentradas”.

Tendo como suporte a Internet, a propagação do individualismo em rede configura um novo tipo de sociabilidade através da conexão entre individualidades que compartilham interesses comuns e assim se formam as comunidades, como é o caso do Instagram:

As pessoas se ligam e se desligam da Internet, mudam de interesse, não revelam necessariamente sua identidade [...], migram para outros padrões on-line. Mas se as conexões não são duradouras, o fluxo permanece, e muitos participantes da rede o utilizam como uma de suas manifestações sociais (Castells, 2001, p.108).

4. Teoria Ator-Rede e a interação digital: novas formas de sociabilidade

A introdução da tecnologia³⁰ na vida cotidiana traz consigo a emergência de novos espaços, novas formas de participação, socialização e, enfim, novas maneiras de se relacionar e pensar o mundo o qual vivemos. Mas além de produzir novas práticas e representações do mundo, ela redefine as existentes. (MOYA, VÁZQUEZ; 2010) Chama a atenção o fato de como a relação meio social + técnica³¹ estão profundamente imbricados e, apesar disso, os estudos nas áreas de ciências sociais ainda tenham certa resistência em considerar a figura dos aparatos tecnológicos como atuantes e capazes de influenciar o meio onde estão inseridos. Por isso, antes de entrar nas questões analíticas do objeto estudado, faz-se necessária uma breve apresentação do que consiste a teoria construtivista do ator-rede e suas limitações.

O pressuposto básico aqui é o rompimento com a ideia do determinismo tecnológico, que trata a tecnologia como uma realidade neutra; como uma coisa; como uma máquina. A tecnologia não pode ser considerada

³⁰ A palavra tecnologia é derivada da matriz greco-latina *techne* que significa "arte", e em um sentido mais amplo, "técnica". No pensamento Europeu do século XVII, o significado de tecnologia foi limitado à ideia "artes práticas", acompanhado pela emergência da separação entre o conhecimento (ciência) e sua aplicação prática em um campo selecionado (tecnologia) (McQuire, 2006).

³¹ Por "técnica", entendemos como uma amostra de habilidades práticas que permitem que alguém faça, de maneira fácil e eficiente uma determinada atividade, seja essa puramente material ou vinculadas a operações mentais. Trata-se de todos os procedimentos eficientes que provaram ser úteis para a obtenção de determinados resultados, tais como a produção de certos objetos ou de executar determinadas operações, como no caso de "habilidades técnicas" de um artesão ou um pianista. A técnica é essencialmente a aplicação de um certo conhecimento ("know how"), que se forma através da acumulação e transmissão de experiências concretas, sem ser necessariamente acompanhado ou apoiada pelo conhecimento de como estes procedimentos concretos são especialmente eficazes. (MOYA, VÁZQUEZ; 2010)

como coisa apenas, pois não é um dado puro da natureza; existe algo que a movimenta. Os estudos mais ativos que buscaram romper com a neutralidade da tecnologia datam da década de 20 do século passado. O *Círculo de Vienna* foi concebido nessa época e tinha como foco de estudo a ideologia proposta pelo Positivismo Lógico, que tinha como principal ambição filosófica combinar o empiricismo de Bacon aos desenvolvimentos obtidos com a lógica matemática no Século XX. (TRIGUEIRO; 2009). Os estudos elaborados pelo Círculo foram fundamentais no fomento do debate autonomia/não-autonomia da ciência, pois chamaram a atenção para o questionamento futuro, o qual aborda se, de fato, o conhecimento científico era autônomo e se desenvolvia por si só. O debate foi de tamanha importância, que fomentou os estudos base que deram origem a uma Sociologia da Ciência.

A Sociologia da Ciência consiste principalmente em compreender a influência da esfera social no âmbito da produção de conhecimento científico e suas implicações. Os estudos iniciais dessa linha de pesquisa foram cunhados por autores de renome, tais como Merton (1949), Kuhn (1970), Bourdieu (1983). Houve uma ênfase por parte desses autores no conceito de comunidade científica, que é o agrupamento de cientistas que trabalham em prol do conhecimento científico. A abordagem mais comum considerava que as comunidades científicas eram destacadas do restante da sociedade, provocando uma dicotomia interno-externo no quesito construção de conhecimento científico. Em suma, isso significava que os estudiosos consideravam que a produção científica avançava naturalmente, sem a influência de nenhum outro tipo de esfera institucional. Tais separações tenderam a acentuar a visão a respeito do valor destacado da verdade científica ou de uma racionalidade técnico-científica, o que aponta para a vertente da neutralidade científica, que se consagra na ideia de *ciência pura*. (TRIGUEIRO, 2009), que foi difundida nos estudos de Merton. No entanto, Bourdieu e Kuhn, ainda que imbricados na ideia dicotômica de *comunidade científica*, observam que é necessário prestar atenção na influência dos elementos sociais, culturais, políticos e de outras esferas na construção do conhecimento científico.

Bourdieu insere a noção de *campo científico*, a qual engloba os aspectos sociais e os relaciona com o conceito de comunidade científica. Isso significa que a construção do conhecimento científico está dentro desse campo, e sofre influências das esferas sociais, que também atingem os cientistas envolvidos na produção desse conhecimento. Com isso, o território do campo científico seria permeado por disputas de interesses dos cientistas durante a produção do conhecimento. Em suma, a esfera social, neste caso, surge quando Bourdieu afirma que existe uma disputa de interesses dentro do campo científico. Essa disputa seria a influência do social nos indivíduos cientistas, pois, seguindo a lógica positivista de neutralidade da ciência, aqueles que participam da construção do conhecimento neutro, fazem parte de uma sociedade, passaram por socialização e, portanto, não são neutros. Por não serem neutros, eles têm interesses e disputam por suas vontades. Bourdieu dá um passo importante no estudo do imbricamento científico-social, porém, ele trabalha com a noção de campo científico de forma autônoma; desvinculada da sociedade. Ora, como os cientistas podem se desvincular da sociedade só por trabalharem com ciência? Existe algum botão que possibilita esse desligamento? A ideia é um tanto inconsistente.

Tomas Kuhn, que também trabalha com a noção de comunidade científica, já não acredita que a ciência é feita de verdades absolutas. Para ele, os resultados científicos consistem de consensos socialmente produzidos no interior de uma comunidade científica; consensos estes, que refletem um contexto sócio-histórico particular, uma época e um lugar determinados. (TRIGUEIRO, 2009) No entanto, para Kuhn, esses consensos socialmente produzidos não inferem uma atmosfera de relações de poder e de interesse tais como Bourdieu descreve; ele designa que o conhecimento científico sofre influências sociais no quesito da criação e das revoluções de paradigmas, mas não necessariamente advindas das relações de poder e de interesses. No entanto, mesmo com essas considerações acerca do social na ciência, o grande problema na teoria dos dois autores é a autonomia no conceito de comunidade científica em relação à sociedade. Novamente, como é possível um grupo existir dentro de uma coletividade e este não sofrer influências relevantes a tal ponto de interferir na construção do

conhecimento? O endeusamento da ciência como detentora das verdades do mundo real é irresistível a alguns, mas ofusca a visão.

Nesse âmbito, pode-se falar da Escola de Frankfurt, movimento filosófico fundado em 1924, cujo posicionamento era crítico em relação a neutralidade da ciência em função do viés marxista que acreditava que por detrás da produção do conhecimento científico, havia forças produtivas e relações de produção, mas também utilizavam a noção de racionalismo de Weber para desmistificar a neutralidade da ciência e da técnica. Jürgen Habermas, membro da Escola de Frankfurt, em seu livro *Técnica e Ciência enquanto ideologia* faz uma ampliação da noção da ação técnica, colocando-a como atuante também em outras esferas sociais. Por também possuir influência sobre outras esferas sociais, não se pode dizer que a ação técnica é neutra. Para pensar assim, Habermas apresenta uma perspectiva contrária acerca do significado do sentido de racionalização em Weber, onde ele diz que o racional-com-respeito-a-fins está correto, porém não é completo. Deve se considerar também o peso da ação reflexiva da comunicação, que é justamente o modo através do qual os homens interagem uns com os outros e estabelecem seus “contratos sociais” de uma maneira empírica. Grosso modo, o que Habermas quer dizer é que o racional não é um processo puramente mecânico, onde se destina somente a um determinado fim. O racional também está presente nas ações comunicativas, e estas guiam as ações da vida prática.

A partir dessa flexibilização da perspectiva da neutralidade da ciência e da técnica, é que se iniciou o desenvolvimento de outra corrente de estudo: o Construtivismo. Com uma linha de pensamento radical aos movimentos que atuavam na sua época nos estudos de Sociologia da Ciência, a corrente de estudo construtivista tem como base fundamental a ideia de que os fatos científicos são construções sociais e devem ser examinados “simetricamente”, ou “neutramente”, isto é, tais fatos não devem ser julgados nem como mais, nem como menos racionais que outros fatos sociais. (TRIGUEIRO, 2009). Isso significa compreender a construção do conhecimento científico tal como as outras relações sociais se estabelecem, advindas da cultura, processos históricos, jogos de interesses e de poder. Em suma, o construtivismo tenta

entender a ciência como algo que não esteja acima das outras esferas sociais, mas no mesmo patamar. Para tanto, ela (corrente) considera que o conteúdo científico é fruto de representações sociais, que são criados a partir da necessidade do contexto; um trâmite que envolve diversos tipos de atores e negociações, e que a noção de realidade e natureza não são puramente determinadas pelos cientistas em seus laboratórios. Aqui a noção de comunidade científica ainda se mantém, mas não mais destacada/acima do contexto social; há um diálogo entre as esferas e uma influencia diretamente na outra. Cabe ressaltar que a linha de pesquisa Construtivista deve ser observada dentro do seu contexto histórico de estabelecimento. Isso significa dizer que suas ideias e imbricamentos surgiram em um período de constante crescimento técnico-científico, o qual já apresentava uma complexificação do seu desenvolvimento.

A base da aplicação do estudo através da perspectiva construtivista é a de observar todas as relações que existem por trás do resultado/produto fruto do desenvolvimento do conhecimento técnico-científico produzido nos laboratórios. É o que Bruno Latour chama de “abrir a caixa preta”; ou seja, de compreender quais foram os processos envolvidos, tanto racionais como sociais no estabelecimento daquele produto final apresentado pela comunidade científica. Um trabalho minucioso, que permitirá desmistificar e compreender o que motivou a produção daquele resultado científico. Essa perspectiva, mesmo que radical a priori, proporcionou uma revolução nos estudos acerca da produção de conhecimento. Por mais que seja um tanto quanto delicado afirmar que não existe conhecimento verdadeiro e sim adaptável à realidade presente, o fato de levar em consideração a atuação de outros elementos, já é de bastante relevância. O construtivismo incorpora novos atores e a influência de não-cientistas no atual processo de produção do conhecimentos científicos e tecnológicos. (TRIGUEIRO, 2009), enriquecendo a perspectiva da investigação.

A partir dessas formas de investigação nascidas a partir da proposta de um estudo sociológico da ciência, originou estudos com enfoque na tecnologia. A crítica ao Construtivismo gerou novos questionamentos que culminaram em um estudo mais cuidadoso em relação à relevância da

técnica/tecnologia na produção de conhecimento. Winner, um dos estudiosos mais importantes na crítica ao Construtivismo afirma que a abordagem negligencia os impactos sociais da tecnologia, e não estabelece pesos diferenciados para as hierarquias entre os diferentes públicos envolvidos na produção científica e tecnológica. (TRIGUEIRO, 2009). A tecnologia muitas vezes é vista como um mero aparato, fruto da aplicação e do desenvolvimento de um conhecimento científico. Essa concepção acerca da tecnologia não se deu de maneira automática. Desde os idos da filosofia antiga, através de ideias estabelecidas por Sócrates e Platão, o pensamento sempre foi mais valorizado em detrimento dos aparatos (materiais/coisas), pois é através dele que ideias, práticas e tecnologias surgem. Essa perspectiva pode ser mais claramente percebida através da noção de mente-corpo trabalhada pela linha filosófica, de que a mente está acima do corpo, a qual diz que a mente representa o agente desmistificador do corpo (ciência), e o corpo representa uma forma física e concreta que está a mercê do corpo (tecnologia). Ora, se não houvesse corpo, não existiria mente. Pois por que, então, esta é superior àquela? Nesse sentido, há de prestar atenção nas duas linhas filosóficas que deram atenção à questão técnica: a fenomenologia e o existencialismo. Ambas as linhas propõem um novo olhar acerca da ontologia da tecnologia. Imagine o mundo em seus tempos primórdios, cuja habitação por seres humanos era minoritária – lembrando que, segundo a biologia, antes do surgimento do homo sapiens na terra, havia outras formas de vida na terra. Para fazer o fogo o homem precisou aprender que ao bater uma pedra na outra, pelo atrito, uma faísca era produzida e, que em contato com galhos secos, o calor se propagava transformando-se em fogo. Perceba que a tecnologia utilizada – rústica, sim – foram as duas pedras juntamente com o galho seco. Através de uma técnica, o homem conseguiu, enfim, produzir fogo por conta própria. Imagine se não existisse a pedra e nem os galhos. Como é que ele poderia produzir fogo? A intenção aqui é mostrar que o aparato é de certa forma anterior ao homem e sua mente. Claro que para o fogo ser feito, o homem precisou entrar em ação, mas não poderíamos pensar que o homem foi apenas um mediador nessa situação? Além de pensar o homem como mente, poderíamos pensá-lo como aparato também, pois sem o corpo, a ideia da mente não poderia ser propagada.

Para tanto, há de se discutir as ideias propagadas pelo filósofo existencialista Martin Heidegger, que afirma que a ciência é uma ferramenta da tecnologia e que esta não é um meio, mas um caminho de revelação, ou de descobrimento ou desvelamento³² (TRIGUEIRO, 2009). Heidegger afirma que para encontrarmos a essência da técnica, não devemos olhar para a técnica; devemos olhar para os processos envolvidos por trás dela, tais como os aspectos que levaram a sua composição, disponibilidade e descobrimento. Para ele, resumir a tecnologia a uma mera estrutura lógica de segmento é algo incompleto. Ele acredita que o processo de produção da tecnologia é socialmente determinado, pois toda tecnologia possui um componente ideológico. Ele afirma que a tecnologia não é boa nem má, porém, também não é neutra. A sociologia da tecnologia tem como proposta desvendar essas ideologias.

4.1 O aparato técnico como atuante

Tais questões consideradas, a intenção desta pesquisa é mesclar algumas das ideias estruturadas dentro da perspectiva Construtivista, como a teoria ator-rede, difundida pelos autores construtivistas Bruno Latour, Michel Callon e John Law, e também a perspectiva de tecnologia abordada por Martin Heidegger, principalmente no que tange às questões que envolvem o aparato técnico para explicar o que há por trás do fenômeno Instagram. Questionamentos que cabem à questão: quem é o fabricante do aparelho e qual a interferência desse aspecto nos usuários do aplicativo? Onde desenvolvedores do aplicativo atuam nesse contexto?

A teoria-ator rede parte da ideia de que o fato científico é construído que é um produto social, e não algo produzido através da operação de um método científico privilegiado. Para compreendê-lo, faz-se necessário entender como se deu sua construção; quais os personagens participantes; as relações estabelecidas entre eles. É importante levar em consideração que as interações importam na medida em que carregam mediações, ou seja,

³² Descobrimto ou desvelamento é para Heidegger “verdade”. Todo descobrimto depende do homem. (INWOOD, 2002)

conexões capazes de produzir mudança, na medida em que os distintos elementos nelas presentes se articulam e se afetam mutuamente. Portanto, sistemas, objetos materiais, organizações, relações de poder e vida social fariam parte de relações de interação sem que um determine o outro, embora tenham poder de atuar um sobre o outro. Bruno Latour afirma que tanto as pessoas quanto os objetos inanimados podem ser chamado de atores. Ou seja, para o entendimento do todo, é necessário que seja levado em conta nos estudos de desvelamento do conhecimento em atores humanos e não humanos. Os atores não-humanos não são apenas instrumentos, são também mediadores e atuantes, pois se deslocam, transferem e produzem sentido; portanto, há importância em agregar ao estudo o aparato técnico como objeto atuante. Uma rede é caracterizada por suas conexões, seus pontos de convergência e bifurcação. Ela é uma lógica de conexões, e não de superfícies, definidas por seus agenciamentos internos e não por seus limites externos. Latour afirma que a palavra rede indica que os recursos estão concentrados em poucos locais – os nós e os pontos – os quais estão conectados a outros – os vínculos e a rede: essas conexões transformam recursos dispersos em uma rede que parece estender-se a todos os lugares (1986 p.180). Assim, uma rede é uma totalidade aberta capaz de crescer em todos os lados e direções, sendo seu único elemento constitutivo o nó. É importante também considerar que as mediações ganham destaque e apontam para um processo de constante redefinição das redes e da realidade, tecendo novas geografias e novos controles.

Os estudos na esfera da cibercultura partem do pressuposto de que a partir do entendimento de que o homem por si só não faz o fluxo comunicacional, ele depende do processo de interação e comunicação homem-máquina, assim como os novos recursos tecnológicos contribuem para que a mobilidade faça parte deste processo informacional e comunicacional. A utilização de tecnologias comunicacionais, como a internet, já faz parte do cotidiano de uma grande fatia da população, e há muito deixou de ser apenas um meio de comunicação. Essas tecnologias são também “vetores de agregação social, de vínculo comunicacional e de recombinações de informações as mais diversas sobre formatos variados” (LEMOS, 2010). O

trajeto histórico da base de estudo da cibercultura e da comunicação digital perpassou por diferentes focos ao longo dos anos, tal como a ideia de ciberespaço, das narrativas de estruturas não-lineares possibilitadas pela hipertextualidade, a multimídia, convergência dos meios. Atualmente, grande parte do interesse da pesquisa em comunicação passa por investigar a relação destas tecnologias com novas expressões de sociabilidade, sobretudo em torno do conceito de rede social na internet (BOYD e ELLISON, 2007).

A comunicação mediada por computador não pode ser compreendida apenas como um tipo de comunicação na qual o meio serve apenas como um objeto não-atuante do processo. O aspecto material do meio, que conflui as variáveis técnicas e sociais (códigos, softwares, relações, hierarquias, etc) também integra e atua nas possibilidades e construções da comunicação.

Segundo dados coletados a partir de pesquisas na internet, o iPhone é um smartphone desenvolvido pela empresa Apple Inc. que desempenha funções de celular, tocador de música, câmera digital, internet, mensagens de texto (SMS), conexão wi-fi local e, atualmente, suporte a videochamadas. A interação com o usuário é feita através de uma tela sensível ao toque, tecnologia esta desenvolvida pela própria Apple, que já registrou mais de duzentas patentes relacionadas com ela. Abaixo, a história da elaboração aparelho, retirada do site Wikipédia.com/iphone:

O desenvolvimento do iPhone começou com o chefe executivo da Apple, Steve Jobs, que criou o dispositivo durante uma colaboração sem precedentes e secreta com a AT&T, empresa de telefonia celular americana, à época Cingular Wireless. O custo estimado do projeto desenvolvido na colaboração foi de 150.000 mil dólares ao longo de um período de trinta meses. A Apple rejeitou o projeto que tinha resultado no “Motorola ROKR E1”, em uma grande ação de colaboração com a Motorola. Diante disso, a Cingular Wireless deu a Apple toda a liberdade para desenvolver o iPhone por conta própria.

Jobs apresentou o iPhone ao público em 9 de janeiro de 2007. O iPhone foi colocado à venda nos Estados Unidos em 29 de junho de 2007, às 06:00 horas no horário local, enquanto centenas de clientes faziam fila fora das lojas por todo o país. Inicialmente iPhone foi disponibilizado no Reino Unido, França e

Alemanha, em novembro de 2007, e na Irlanda e na Áustria, no outono de 2008.

Em 11 de julho de 2008, a Apple lançou o iPhone 3G, uma versão atualizada do aparelho, já em mais de 22 países. Em 8 de junho de 2009, a Apple anunciou o iPhone 3GS, com planos de lançamento em junho, julho ou agosto, começando com os Estados Unidos, Canadá e os principais países europeus. Em uma tentativa de ganhar um mercado mais amplo, a Apple manteve o iPhone 3G de 8GB em um preço mais baixo. Esta é a última de várias reduções de preço desde o lançamento do iPhone em 2007, que agora é vendido por um sexto do preço do iPhone original de 8 GB em seu lançamento. Atualmente é vendido por 99 dólares nos Estados Unidos, mas existe a contrapartida de um contrato de dois anos (fidelização) com a empresa de telefonia celular escolhida.

Em 24 de junho de 2010 a Apple disponibilizou inicialmente a venda do iPhone 4 nos Estados Unidos, Reino Unido, França, Alemanha e Japão. O iPhone 4 apresentou uma estrutura remodelada, oferecendo um aparelho com 2 câmeras (a traseira com capacidade de gravar vídeos em HD) e FaceTime, para as videochamadas.

A Apple vendeu 6,1 milhões de unidades do iPhone original ao longo de cinco trimestres. A empresa vendeu 3,8 milhões de unidades do iPhone 3G no segundo trimestre de 2009, que terminou em Março de 2009, e 12,6 milhões de iPhones 3G e 3GS, totalizando 33,7 milhões de iPhones vendidos até hoje. As vendas em 2008 ultrapassaram temporariamente a do BlackBerry (outra linha de aparelhos celulares) da fabricante RIM, vendendo 5,2 milhões de unidades, tornando Apple brevemente a terceira maior fabricante de celulares, atrás da Nokia e Samsung. Atualmente, aproximadamente 6,4 milhões de iPhones estão ativos nos Estados Unidos.

O iPhone, atualmente possui aproximadamente 30% do mercado mundial de smartphones. Apesar do elevado preço, o aparelho é preferência entre os usuários não só por conta da tecnologia de hardware e software, mas também pelo design e a facilidade com que é possível trocar informações com outros usuários. Através do acesso baseado no *Cloud Computing*³³ a

³³ O conceito de computação em nuvem (em inglês, cloud computing) refere-se à utilização da memória e das capacidades de armazenamento e cálculo de computadores e servidores compartilhados e interligados por meio da Internet, seguindo o princípio da computação em grade. O armazenamento de dados é feito em serviços que poderão ser acessados de qualquer lugar do mundo, a qualquer hora, não havendo necessidade de instalação de programas ou de armazenar dados em dispositivos. O acesso a programas, serviços e arquivos é remoto, através da Internet - daí a alusão à nuvem.

informação é padronizada, não havendo necessidade de aplicações específicas para baixar no telefone dos usuários. Com essa facilidade, a mobilização para a utilização do aparelho é muito maior em relação aos concorrentes.

Além do quesito tecnológico, a Apple visivelmente preocupa-se sempre em lançar modelos cada vez mais avançados do aparelho periodicamente para que o cliente sempre tenha a garantia de estar em contato com a última geração tecnológica fabricada. São essas estratégias de mercado que fidelizam o usuário, fazendo com que este usufrua do aparelho ao máximo. Os destaques do iPhone são, além da tela sensível ao toque, praticamente dispensando o uso de botões fixos, o seu sistema desenvolvido para que o usuário consiga o máximo de interações. Isso pode ser verificado principalmente pela quantidade de aplicativos desenvolvidos para o telefone. Atualmente, existem mais de 450.000³⁴ aplicativos disponíveis para download na Apple Store. Qualquer pessoa apta a desenvolver aplicativos pode ter o seu disponibilizado na Store, bastando criatividade e conhecimento de programação. Essas várias formas de agregar valor ao aparelho, seja de forma econômica ou cultural, é o que faz com que os holofotes tornem para ele.

Nessas condições, fica claro em quais condições o Instagram conseguiu se desenvolver para o mercado consumidor. O processo teve início antes mesmo do lançamento do iPhone para o público. A etapa de elaboração do aparelho foi a mais crucial dentro da empreitada, pois foi nele que foram desenvolvidas as tecnologias inovadoras que conquistaram o mercado. Como foi descrito, o telefone passou por uma série de empresas para poder ser confeccionado, parcerias essas que desenvolveram juntos um protótipo, mas que não satisfez Steve Jobs. A disputa de interesses não permitiu que esse aparelho fabricado, por, talvez, motivos de estratégia de mercado, fosse levado ao público, fazendo com que a Apple, dona da empreitada, acabasse tomando as rédeas do projeto. Não pode ser dito, portanto, que o aparato técnico, o iPhone, tenha atuado como uma mera consequência do processo entre atores científicos. Foi a sua tecnologia que condicionou uma boa parte do mercado a

³⁴ Em agosto de 2011. O número baseia-se numa conjugação entre aplicações para iPhone e iPad, mais concretamente 337.000 para iPhone e 114.000 para iPad.

consumi-lo ativamente. E por mais que tenha havido cautela no processo de fabricação, seria impossível saber ao certo como seria sua aceitação perante o público sem antes lançá-lo. Mesmo com as de marketing promovidas pela Apple, se o aparato não cumprisse sua função, o público perderia interesse de imediato. Como dizer, nesse caso, que o iPhone é não-atuante? Não faria sentido.

O Instagram é consequência desse processo de aceitação do mercado. Através das facilidades proporcionadas pelo aparelho é que foi possível que o aplicativo tivesse espaço para se desenvolver. A câmera embutida, a possibilidade de conectar-se a internet, o teclado sensível ao toque, que permite o digitar de uma frase com mais precisão, além da interface intuitiva, que agiliza o processo de postagem na rede, entre diversos outros recursos.

Esse fenômeno pode ser explicado através do estudo desenvolvido por Castells acerca da tecnologia da informação³⁵. Todas as etapas envolvidas por trás do desenvolvimento do Instagram foram influenciadas por um processo que o sociólogo identificou como uma nova forma de estrutura social, que estaria associada a um novo modo de desenvolvimento, denominado Informacionalismo. Este se apresentaria como produto da reestruturação capitalista, fenômeno constatado a partir do final do século XX, cuja força motriz é a combinação entre a geração de conhecimento, processos de informação e a comunicação por símbolos. Neste sentido, o Informacionalismo possibilitaria o surgimento de novas formas de interação, de controle e de transformação social, em contraste com o predominante industrialismo³⁶.

³⁵ Castells escreveu um legado a respeito da nova configuração global, que não será abordada diretamente aqui. É importante ressaltar que os processos aqui descritos envolvem uma série de variáveis sócio-históricas de suma importância, que proporcionaram modificações profundas de cunho econômico, político e cultural e que todas elas foram cruciais no processo de desenvolvimento do tema central desta pesquisa. Mas por questões objetivas, um resumo geral do legado de Castells será apresentado.

³⁶ Fase de aperfeiçoamento técnico avançado, alcançado por intermédio da ciência aplicada, cujas características típicas são a produção em larga escala e o emprego da energia mecânica, um mercado amplo, uma mão-de-obra especializada com uma complexa divisão de trabalho e uma industrialização acelerada. (em Dicionário de Sociologia - I).

Castells afirma que a origem desse processo de informacionalização se deu, aproximadamente, entre o fim dos anos 60 e meados da década de 70 em um período de três revoluções em áreas independentes: a revolução da tecnologia da informação; crise econômica do capitalismo e do estatismo, e a consequente reestruturação de ambos; e o crescimento de movimentos sociais e culturais, tais como libertarismo, direitos humanos, feminismo e ambientalismo. A interação entre esses processos e as reações por eles desencadeadas fizeram surgir uma nova estrutura social dominante: a sociedade em rede; além de uma economia informacional/global; e uma cultura da virtualidade real. O processo caracterizou um ambiente de mudanças confusas e incontroladas, cuja tendência tendeu a reagrupar os indivíduos em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais e nacionais (VIEIRA,2008).

No informacionalismo, a geração de riqueza, o exercício do poder e a criação de códigos culturais passaram a depender da capacidade tecnológica das sociedades e dos indivíduos, sendo a tecnologia da informação o elemento principal dessa capacidade. A tecnologia da informação tornou-se ferramenta indispensável para a implantação efetiva dos processos de reestruturação socioeconômica.

Para o sociólogo, *a tecnologia não determina a sociedade: incorpora-a. Mas a sociedade também não determina a inovação tecnológica: utiliza-a.* Castells classifica o dilema do determinismo tecnológico como infundado, *dado que a tecnologia é a sociedade e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas.* Castells afirma que embora não determine a tecnologia, a sociedade pode sufocar seu desenvolvimento, principalmente por intermédio do Estado.

Traçando um paralelo, Castells afirma que, se o industrialismo é voltado para o crescimento da economia, isto é, para a maximização da produção, o informacionalismo visa o desenvolvimento tecnológico, ou seja acumulação de conhecimentos e maiores níveis de complexidade do processamento de informações. O processo de reestruturação do capitalismo e a difusão do informacionalismo, embora inseparáveis em escala global,

provocaram manifestações muito diferentes nas regiões e sociedades de todo o mundo (VIEIRA, 2008).

Cabe aqui a distinção que o autor faz entre as noções de “sociedade da informação” e “sociedade informacional”. Para Castells “sociedade da informação” enfatiza o papel da informação, que foi crucial a todas as sociedades. O termo informacional indica uma forma de organização em que a geração, processamento e transmissão da informação são fontes fundamentais de produtividade e poder. Castells aponta que os primeiros passos históricos das sociedades informacionais parecem caracterizá-las pela exaltação da identidade como seu princípio organizacional:

Quando a Rede desliga o Ser, o Ser, individual ou coletivo, constrói seu significado sem a referência instrumental global: o processo de desconexão torna-se recíproco após a recusa, pelos excluídos, da lógica unilateral de dominação estrutural e exclusão social.

Dentro do contexto de uma sociedade informacional, está inserida a noção de virtualidade. A televisão era caracterizada como a grande mídia, cujo alcance era tão grande, que tornou-se o sistema de comunicação dominante. Castells considerava-a uma força centralizadora de poder e um potencial instrumento de propaganda. Sucedeu a era tipográfica, caracterizada como a Galáxia de Gutenberg, onde o apelo visual era o principal elemento de divulgação, principalmente através de propagandas textuais. A televisão tornou-se o epicentro cultural de nossas sociedades; e a modalidade de comunicação da televisão é um meio caracterizado pela sua estimulação sensorial da realidade e fácil comunicabilidade, na linha do modelo do menor esforço psicológico (VIEIRA, 2008). A partir dos anos 80, Castells afirma que houve a incorporação de uma nova mídia, motivada pelas revoluções ocorridas décadas antes. Representada pelas novas tecnologias surgidas na época, elas vieram determinar um novo modelo de comunicação, onde a audiência tende a escolher suas mensagens e não mais aceitá-las tacitamente, como ocorre com a televisão. Para ele existe a evolução de uma sociedade de massa para uma sociedade segmentada, resultante das novas tecnologias de comunicação. Como consequência das revoluções, que acabaram por segmentar a

sociedade, a possibilidade de visar um público-alvo abriu o caminho de que *no novo sistema de mídia, a mensagem é o meio.*

Mas do que seriam essas revoluções descritas por Castells se não houvesse uma predisposição para que elas ocorressem? O desencobrimento tecnológico, até o ponto em que a sociedade está nos tempos atuais, só foi possível através dos inúmeros processos que sucederam durante décadas e mais décadas. Nesse sentido, é importante trazer à tona algumas das questões da polêmica era pós-moderna de maneira elucidativa, afim de, pelo menos, demonstrar que as “coisas não estão como antes.” Maíra Baumgarten descreve quatro questões centrais para discutir a era “pós-moderna”, sendo elas: a) fim das certezas - ruptura com o paradigma da modernidade (sua possibilidade de prever como se estrutura o futuro). O futuro é visto como incerto e não previsível; b) Fim das ilusões - a história e o progresso não têm mostrado andarem junto com a moral. O progresso não se faz acompanhar por valores éticos ou por novas formas de solidariedade; c) Fim dos determinismos: tecnológico, econômico, político - o que prevalece são as escolhas individuais - libido, desejo, busca da felicidade. Indeterminação social; d) Era do pós-dever - predomínio do hedonismo, da cultura individualista. As escolhas são determinadas por decisões individuais. Privilegiam-se não mais as escolhas racionais e sim ativa-se o desejo (felicidade, aventura, consumo), busca-se melhorar a vida através do consumo. A ideologia fordista do dever do trabalho e a ética calvinista do empresariado moderno rompem-se. Com a criação do cartão de crédito não é mais necessário postergar a satisfação dos desejos e a inadimplência (antes impedida pelo dever da honestidade), generaliza-se, dados os crescentes apelos do consumo e as facilidades de crédito.

Giddens afirma que modernidade refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência. Utilizando a definição proposta por Jean-François Lyotard, Giddens diz que pós-modernidade representa um deslocamento das tentativas de fundamentar a epistemologia e da fé no progresso planejado humanamente. Isso significa que a humanidade estaria passando por um processo de imprevisibilidade,

onde os caminhos não são mais facilmente delineados. Segundo o sociólogo, a sensação de que vivemos diante de um universo de fatos que não podem ser inteiramente compreendidos e que estão fora do nosso controle gera a ideia de que não se pode obter um conhecimento sistemático sobre a organização social. (GIDDENS, 1991). Após as crises das décadas de 60 e 70, o mundo viu-se diante de uma situação pessimista em relação ao progresso e, com isso, a crise global representou a crise do Estado de Bem Estar Social e, também, um crescente questionamento dos Estados nacionais e do próprio trabalho como categoria central para a análise da sociedade. (BAUMGARTEN, 2005)

Com o advento da modernidade, a visão otimista da humanidade já estava em declínio e foi reforçada pelo período de dificuldades enfrentadas durante a crise do meio do século. Com disso, o fluxo dos processos que estavam acontecendo tiveram que mudar de caminho. O mundo precisou encontrar soluções que tirassem-no da lama. Quando as ideologias caíram por terra, a sociedade se viu diante de várias incertezas, pois o que era certo, não era mais. As coisas começaram a correr mais livres; o mundo passou a ser integrado, onde tudo flutuava e nada era fixo. A globalização é considerada fenômeno pós-moderno, pois configurou-se em um processo novo, diferente do que ocorria anteriormente. As últimas décadas do século XX caracterizaram-se por mudanças significativas nas formas de produção e acumulação capitalista. A profunda crise do modelo de acumulação capitalista, até então vigente, levou a um reordenamento das formas de organização do capital. (BAUMGARTEN, 2005). Apesar da ideia do senso comum de que globalização é um fenômeno integrativo, ele tornou o fluxo do capital bastante variável, onde ele se move livremente em busca de espaços de valorização (IDEM, 2005). Isso faz com que o capital seja distribuído de maneira desigual, pois os espaços de valorização não são necessariamente aqueles que estão carentes dele. Esses espaços variam e mesmo as potências mais ricas conseguem criá-los para acumular mais capital. Essa tendência é predominante, e é estendida para outras áreas, tais como a difusão da inovação técnica.

A inovação técnica culminou em um processo denominado “revolução tecnológica”, onde se propagou a produção de novos tipos de bens. Ela aconteceu em meio a crise do século XX, cujo aumento da intensidade de

uso de informações e conhecimento nos processos de produção foi a principal característica. Isso provocou um aumento no giro da comercialização e do consumo de bens e serviços, aumentando também a competitividade. As tecnologias de informação e de comunicação apresentam-se, portanto, como elementos centrais na nova dinâmica técnico-econômica (CASTELLS, 2000). Novos saberes e competências, aparatos e instrumentos tecnológicos, produzem tipos novos de bens, viabilizando a abertura de espaços de atuação e mercados, encolhendo o globo e reorganizando o capitalismo em uma escala diferente e ampliada (BAUMGARTEN, 2005). A tecnologia, antes tida como instrumento do conhecimento aplicado, passa da posição de coadjuvante a ator principal no desempenho das forças produtivas. A tecnociência implica a empresarialização da atividade científica e, sendo um fator relevante de inovação e de desenvolvimento econômico, passa a ser também um poder dominante na sociedade, tendendo, sua prática, ao segredo e à privatização.(IDEM, 2005) A partir da união da ciência e da técnica, o objeto fruto dessa junção transforma-se em mercadoria que é progressivamente inserida no cotidiano da sociedade, gerando poder e significado cultural. A sociedade do conhecimento fica estabelecida a partir dessa inserção. Os bancos de dados são a principal fonte de informação e os mediadores – televisão, internet, mídia – são os aparatos responsáveis por sua propagação. A internet é, sem sombra de dúvidas, um dos maiores bancos que armazenam informações, cujo acesso é permitido para qualquer um que tenha um computador ou celular com conexão. Maíra Baumgarten diz que:

A informática, [...], "democratiza" informações com dados previamente selecionados e que impedem ou dificultam o raciocínio. Quanto mais informação é passada, menos conhecimento se tem. Em nível cotidiano, a ultra-informação passada pelos meios de comunicação dificulta a formação de contextos compreensivos. (p. 4)

Isso faz com que os indivíduos sejam seus próprios decodificadores, ou seja, a partir do recebimento de uma informação, ele mesmo escolherá com quais outras ela será ligada. Por isso que se fala tanto em individualismo, pois cada um processa as coisas da maneira como melhor

lhe convém. Mas, por outro lado, a “universalização” do conhecimento é fenômeno social que integra e não individualiza.

Diante de tantas mudanças, a nomenclatura da era “pós-moderna” incomoda um pouco menos. Está claro que os rumos atuais da sociedade são diferentes de décadas atrás. Aprendemos que não podemos mais falar em progresso, mas apenas em futuro, pois progresso dá uma sensação de continuidade e futuro é o amanhã apenas. O Instagram é fruto dessa geração dinâmica, que um dia absorveu a informação e no seguinte já a propagou instantaneamente. O fenômeno Instagram não é bicho de sete cabeças ou inusitado, mas o resultado bem-sucedido de uma possibilidade, que o meio permitiu que se propagasse. O momento atual é dinâmico. O efêmero impera. Hoje existem milhões de usuários; amanhã o número pode ser metade. Amanhã a comunidade virtual pode deixar de existir, assim como o aplicativo, ou quiçá o próprio iPhone. A tecnologia está aí. Devoradora ou não, ela está aí.

5. Conclusão

Pode-se concluir que o fenômeno Instagram é resultado de um processo dinâmico, resultante das condições propícias da era da tecnologia da informação. Através do aparelho celular iPhone, desenvolvido pela empresa Apple, o aplicativo funciona através de uma interface intuitiva, tendo como objetivo a postagem de imagens para que sejam vistas pela comunidade virtual que está cadastrada na rede Instagram.

Os indivíduos que integram a comunidade não necessariamente se conhecem além da realidade virtual, mas mantêm laços, mesmo que fracos e informais uns com os outros. O interesse pelo ato de tirar fotos e a instantaneidade da colocação da imagem na rede é o princípio básico que une os indivíduos da comunidade. A quantidade de indivíduos inscritos nessa rede indica a preferência pela rapidez e dinâmica da propagação de informações, consequência do processo de informacionalização dentro da esfera social. Além dessa dinâmica, outro atrativo encontrado foi a possibilidade de popularização dos indivíduos dentro da rede, já que quanto maior o número de seguidores, mais prestígio o usuário terá dentro da comunidade. Essa perspectiva reforça a ideia de Castells, quando ele diz que depois da predominância de relações primárias e secundárias, o novo padrão dominante é o terciário, personalizado, baseado em redes “egocentradas”, exaltando a individualidade.

Para explicar o fenômeno de maneira mais completa, foi explorada também a questão do iPhone, o aparelho celular que funciona de plataforma para o uso do aplicativo. Através de uma breve explicação da evolução do pensamento sociológico acerca do envolvimento da ciência e da tecnologia, vimos que através da teoria ator-rede, o aparato técnico deve ser levado em consideração, pois ele atua como mediador de relações e não como um mero objeto de mercado. Através dessa perspectiva, pôde-se perceber que o iPhone domina o mercado dos Smartphones atualmente no mercado, pois foi projetado para criar uma rede própria e exclusiva, diferentemente dos outros aparelhos celulares existentes. Com a criação dessa rede própria, aqueles que

possuem o aparelho integram uma rede, onde podem compartilhar informações com facilidade sem a necessidade do armazenamento de tudo. A rede que envolve o aparelho é maior e contém inserida a rede do Instagram. Além do quesito rede, o iPhone foi projetado para proporcionar o uso fácil e intuitivo pelo o usuário, o que aumenta o interesse pelo aparelho. Com isso, percebemos que por trás desses processos existe uma cadeia de relações, que envolvem a empresa desenvolvedora Apple, que está inserida dentro de um mercado cada vez mais informacional.

O mercado informacional é consequência do rompimento com ideologias e com a noção de progresso, cuja crise em meados do século XX provocou uma mudança radical no percurso da ordem mundial. A globalização se instaurou e a informação se transformou em moeda de troca valiosa. Com isso, a tecnologia encontrou solo fértil para se desenvolver, propagando-se de tal forma, que saiu da condição de coadjuvante para personagem principal. Isso provocou uma profunda mudança não só no mercado capitalista, como nas relações empresariais e pessoais. O aparato técnico é o principal fornecedor de informações atualmente. Ele também é mediador de relações.

Com isso, não há como não considerar a tecnologia o grande marco da era “pós-moderna”. As relações se transformaram, a utopia de progresso está enfraquecida e o futuro é incerto. Tudo é transitório, temporário; efêmero. “Dinâmica” é a palavra das últimas décadas. O que resta é acompanhar o processo, sabendo que tudo pode se transformar de uma hora pra outra, sem mais nem menos.

6. Referências Bibliográficas

BAUMGARTEN, M “Pós-Modernidade e Sociologia: notas”. In: “Pós-Modernidade e Conhecimento – educação, sociedade ambiente e comportamento humano” LAMPERT, E. (Org) Editora Sulina. 2005.

BOURDIEU, P “O Campo Científico”. In, Ortiz R., org. *Pierre Bourdieu, sociologia*. Ática, São Paulo, 1983.

CASTELLS, M. A Galáxia Internet. Reflexões Sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. A Sociedade em Rede, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

HABERMAS, Jünger. Técnica e Ciência como Ideologia. In: Os pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1980.

HEIDEGGER "A Questão da Técnica", trad. Emmanuel Carneiro Leão. Ensaios e Conferências, Editora Vozes, Petrópolis, 2002.

LATOUR, Bruno. Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: UNESP, 2000. 438 p.

LEMOS. A. “Você está aqui! Mídia Locativa e teorias “Materialidades da Comunicação” e “Ator-Rede”. in Revista Comunicação e Sociedade, São Bernardo do Campo, – SP – Metodista, Ano 32 – Número 54, jul./dez. 2010., ISSN – 0101-2657, pp. 5-29.

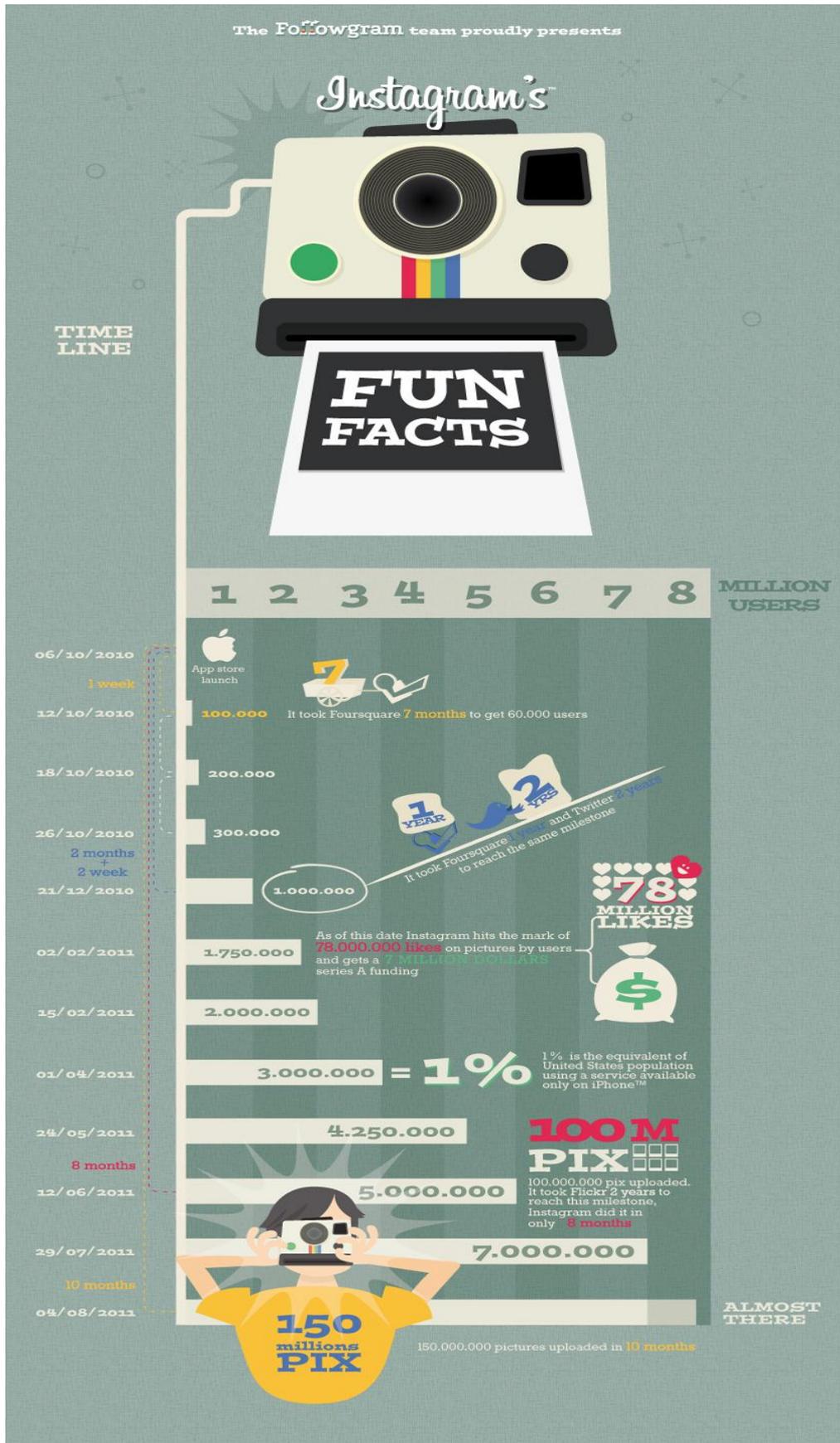
MOYA e VÁZQUEZ, M e J “De la Cultura a la Cibercultura: la mediatización tecnológica en la construcción de conocimiento y en las nuevas formas de sociabilidade” In “Cuadernos de Antropología Social” N° 31, pp. 75–96, 2010 – UBA.

RECUERO, R. C. “Comunidades virtuais em redes sociais na internet: proposta de tipologia baseada no fotolog.com” – Porto Alegre, UFRGS, 2006.

TRIGUEIRO, M. G. S. Sociologia da tecnologia: bioprospeccção e legitimação. São Paulo, Centauro, 2009.

7. Anexos

Infográfico:





Instagram's AVERAGE USE

37%



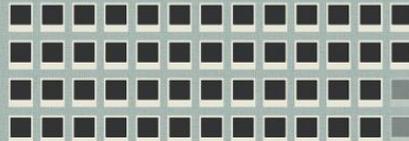
of Instagram users **NEVER** uploaded a single photo

25%



of Instagram users uploaded an average of **1 - 3 pictures**

5%



of Instagram users uploaded more than **50 pictures**



Instagram's PIX UPLOADS

00:00:01 =



as of 02/02/2010

Average upload is **4 pictures per second**



as of 01/03/2011

Average upload is **6 pictures per second**



as of 12/06/2011

Average upload is **10 pictures per second**



Instagram's SECRET RECIPE

- RECORD OF MEMORIES
- VIEWPOINTS EXCHANGE
- RELAX

- ENJOY SOMETHING JOINTLY W/OTHERS
- SELF-IMPROVEMENT THRU' JUDGEMENT
- COMMON INTERESTS

USERS TAKE PIX BOTH FOR THEMSELVES AND FOR OTHERS

FEW PHOTO PROS MOSTLY AMATEURS INTERESTED IN TAKING THE HOBBY OF PHOTOGRAPHY MORE SERIOUSLY

- TO RECEIVE SUPPORT AND VALIDATION
- BROADCASTING PLATFORM



WHY USERS USE IT



WHY USERS SHARE



USERS' MOTIVATIONS



USERS' OCCUPATION



WHY THE COMMUNITY